

## RUA FILINTO DE ALMEIDA

Decreto nº 5885 de 22-11-1979, Artigo 1º, Inciso I  
Protocolado nº 28.168 de 24-09-1979 em nome de Co  
missão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos

Formada pela rua 1 do Jardim São Marcos e parte  
da rua 18 do Jardim Santa Mônica

Início na rua Júlia Lopes de Almeida

Término na divisa do loteamento

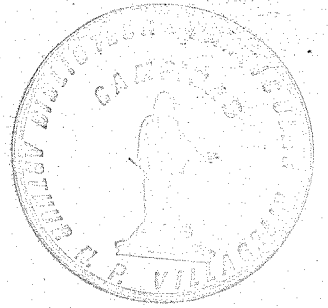
Jardim São Marcos

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de  
Campinas, em Exercício, José Roberto Magalhães Teixeira.

## FILINTO DE ALMEIDA

Filinto de Almeida nasceu na cidade do Porto, Portugal, a 04-12-1857 e faleceu no Rio de Janeiro, a 28-01-1945. Foi casado com a notável escritora Júlia Lopes de Almeida, com quem teve os filhos: Afonso, poeta; Albano, escritor; Lúcia, cantora e pianista; e a brilhante declamadora Margarida Lopes de Almeida. Escritor, poeta, jornalista, dramaturgo e fundador da Academia Brasileira de Letras, Filinto tem seu nome ligado à Campinas, para onde vinha noivar com a filha do médico Valentim José da Silveira Lopes e cuja residência se tornou célebre pelos serões literários ali realizados e frequentada pelas intelectualidades brasileiras. O pai de Júlia Lopes, o dr. Valentim, mais tarde Visconde de São Valentim, não aprovando o namoro, mandou sua filha para Portugal, para onde seguiu também Filinto, e finalmente, se casaram, em novembro de 1887. Filinto veio para o Brasil aos dez anos, começando sua vida no comércio, empregando-se em estabelecimentos de compatriotas seus. Bem cedo entregou-se às atividades jornalísticas, ingressando na "A Semana", levado pelas mãos de Valentim Magalhães. Ali publicava suas poesias, sendo considerado um "pé-de-boi" da crônica, onde assinava Filindal e a coluna de crítica teatral, assinava P. Talma, entre outros pseudônimos que usava. Trabalhou nos jornais: "Domingo", "Diário do Comércio", "Diário de Santos", "O Combate", "O Mosquito", "A Notícia", "Jornal da Noite", "Gazetinha", "O Estado de S. Paulo" e "A Noite". Fundou e redigiu "A América", de pouca duração, revista literária e científica. Publicou: "Lírica", "Cantos e Cantigas" e "Dona Júlia". Traduziu o drama "Cavalleria Rusticana" de Giovanni Verga e são de sua autoria: "O Defunto" e "O Beijo" peças em um ato, em versos e, o entreato "Um Idioma". Com sua esposa Julia Lopes de Almeida, escreveu "A Casa Verde". Publicou um volume de crônicas: "Colunas da Noite".

## RUA FILINTO DE ALMEIDA



DECRETO N.º 5885 DE 22 DE NOVEMBRO DE 1.979.

**DÁ DENOMINAÇÃO A VIAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.**

O Prefeito em exercício do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969 (Lei Orgânica dos Municípios Paulistas),

**DECRETA :**

Artigo 1.º – Ficam denominadas as vias públicas a seguir descritas:

I – RUA FILINTO DE ALMEIDA a Rua 1 do Jardim São Marcos e parte da Rua 18 do Jardim Santa Mônica, com início na Rua 18 do Jardim Santa Mônica e término na divisa do loteamento.

II – RUA JÚLIA LOPES DE ALMEIDA a Rua 15 do Jardim São Marcos e parte da Rua 18 do Jardim Santa Mônica, com início na Rua 18 do Jardim Santa Mônica e término na Rua 1 do Jardim São Marcos.

III – RUA ANTONIO EXEL a Rua 16 do Jardim São Marcos, com início na Rua 15 do Jardim São Marcos e término na Rua 20 do Jardim Santa Mônica.

IV – RUA FRANCISCO ARAUJO a Rua 19 do Jardim São Marcos e Rua 19 do Jardim Santa Mônica, com início na Rua 15 do Jardim São Marcos e término na Rua 18 do Jardim Santa Mônica.

V – RUA GUSTAVO STUART a Rua 22 do Jardim São Marcos, Rua 17 do Jardim Santa Mônica e Rua 7 do Loteamento Rural Campos dos Amarais, com início na rua sem denominação (Estrada dos Amarais) do Jardim São Marcos e término na divisa do Loteamento Rural Campos dos Amarais.

Artigo 2.º – Este decreto entra em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 22 de Novembro de 1.979.

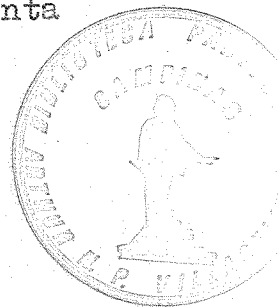
**DR. JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA**  
Prefeito Municipal de Campinas em Exercício

**DR. ITAGIBA D'ÁVILA RIBEIRO**  
Respondendo pela Secretaria dos Negócios Jurídicos

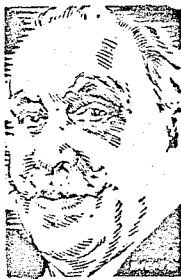
Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 28.168, de 24 de setembro de 1.979, em nome da Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 22 de novembro de 1.979.

**DR. ALFREDO MAIA BONATO**  
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

(Denominação dada pelo Decreto 5885 de 22-novembro-1980, à Rua Um do Jardim São Marcos e parte da Rua 18 do Jardim Santa Mônica, com início na Rua 18 do Jardim Santa Mônica e término na Divisa do loteamento).



### Filinto de Almeida



NO dia 4 de dezembro de 1857 nasceu na cidade do Porto, em Portugal, o escritor Filinto de Almeida, falecido no Rio de Janeiro a 28 de janeiro de 1945. Veio ao Brasil ainda criança e aqui começou sua vida no comércio, empregando-se em estabelecimentos de compatriotas seus. Bem cedo também entregou-se às atividades jornalísticas. Em 1886, estava na "Semana", trabalhando ao lado de Valentim Magalhães e ali publicando versos e prosa com brilho, além de crônicas semanais, críticas etc. Seus pseudônimos, Filindal e Chico Ferula, entre outros, assinaram trabalhos de grande valor. Trabalhou também nos jornais "Domingo", "Diário do Comércio", "Diário de Santos", "Gazetinha", "Combate", "Mosquito", "Jornal da Noite", "O Estado de São Paulo", "Notícia" e em outros mais. Em 1890 naturalizou-se brasileiro e, dois anos depois, foi eleito deputado estadual. Em 1896, com Euclides da Cunha, Machado de Assis, Lucio de Mendonça e outros intelectuais fundou a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira que tem como patrono Artur Azevedo. Foi casado com a escritora Julia Lopes de Almeida, à qual dedicou uma coletânea de sonetos petrarquianos, intitulada "Dona Julia". Outras obras: "Cantos e Cantigas", "Líricas", "Colunas da Noite".

(FOLHA DE SÃO PAULO DE 04-DEZEMBRO-1965)

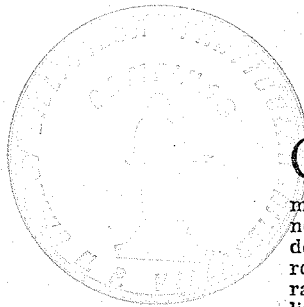


4-12-1965

1857 — Nasce no Porto, em Portugal, o escritor Francisco Filinto de Almeida, falecido no Rio de Janeiro a 28 de janeiro de 1945. Tendo vindo para o Brasil aos dez anos de idade, dedicou-se ao comércio e mais tarde ao jornalismo. Colaborou intensamente em jornais do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Santos, assinando crônicas e críticas. Em 1890 naturalizou-se brasileiro, foi eleito deputado estadual, participou com escritores do país na fundação da Academia Brasileira de Letras e produziu obras de poesia e de prosa muito apreciadas pelo estilo. Mencionam-se entre seus livros: "Lírica e Cantos e Cantigas", "O defunto e o bujo", "Colunas da Noite" e "Dona Julia". Era casado com a escritora brasileira dona Julia Lopes de Almeida.

(DIÁRIO DA NOITE  
DE SÃO PAULO, DE  
04-DEZEMBRO-1965)

## Um pé-de-boi da cronica



Quando se fizer a historia da cronica no Brasil, o português Filinto d'Almeida (naturalizado brasileiro) nela ocupará um lugar de certo destaque. Morreu velho, prospero, academico e parece que inteiramente afastado das atividades literarias. A sombra da esposa — a romancista Julia Lopes de Almeida — ofuscava-o, deixava-o em posição secundaria, apesar da gloria do fardão. Tinha mais o ar de um comendador do que de um homem de letras.

Em jovem, entretanto, foi um jornalista vivo, bem humorado, ativissimo, que teve o seu momento como comentarista do cotidiano, nas paginas de "A Semana", a famosa revista literaria de Valentim Magalhães. Na "Galeria do Elogio Mutuo", que tanto deu que falar, o proprio Valentim traçou-lhe, em termos carinhosos e exageradamente encomiasticos, a biografia e o perfil.

Filinto d'Almeida nasceu no Porto, a 4 de dezembro de 1857 (o seu centenário transcorreu, portanto, no ano passado). "Aos 10 anos de idade — escreve o diretor-proprietario de "A Semana" — mandou-o um tio para o Brasil, e cá ficou ele, lançado no labirinto do comercio, sem outras recomendações mais do que a sua esquisitissima cabeça cajuana e os seus fortes biceps de rapazote robusto e são". Como tantos patricios seus que vinham para o Brasil ganhar a vida nos duros labores do comercio do tempo, Filinto empregou-se como caixeiro, numa papelaria. A vocação, porém, foi mais forte do que o bom-senso, e ele acabou trocando o balcão do comercio pela banca do jornalismo. Esta era, entretanto, uma profissão ingrata, com salarios de fome e uma terrível instabilidade de vida. Quando as coisas apertavam, o futuro academico depunha a pena — e voltava, com a maior naturalidade, á segurança dos empregos comerciais, que lhe garantiam, ao menos, a satisfação de almoçar e jantar regularmente. "E assim — accentua Valentim Magalhães — nessa dança — do balcão de caixeiro para a mesa de redator e desta para aquela — tem vivido o meu pobre Filinto..."

Em 1886, quando apareceu o seu perfil na "Galeria do Elogio Mutuo", ele estava na "A Semana", onde era pau para toda obra. "Não se imagina o que vale este demonio numa redação", reconhecia o proprio diretor, de quem o caixeiro-jornalista, já com veleidades literarias, era evidentemente o braço direito.

Possuo uma coleção quase completa de "A Semana" do ano de 1886, onde a colaboração de Filinto d'Almeida aparece com surpreendente variedade. Além de uma ou outra poesia, ou artigo avulso, redigia, com a regularidade de um pé-de-boi, a coluna de critica teatral, assinando-se P. Talma — e, sobretudo, era o mais frequente encarregado da cronica de fundo, a "Historia dos sete dias", sob o transparente pseudônimo de Filindal. O seu nome aparecia também, na primeira pagina, como gerente, cargo que ocupou até março, quando foi publicado o seguinte aviso no "Expediente": "Assumiu a gerencia desta folha o sr. Guilherme Cabral, passando a ocupar-se exclusivamente da redação o nosso companheiro Filinto d'Almeida". O que neste artigo, entretanto, nos

## LUIS MARTINS

interessa é o papel desempenhado por Filindal, o cronista dos acontecimentos semanais.

A cronica de 1886 é variada e pitoresca. Muitas coisas de certa importancia aconteceram: o incidente Cunha Matos-Sena Madureira, um dos antecedentes da "questão militar" que haveria de derrubar o Imperio; a abolição da pena de açoites nos escravos; a depuração de José Mariano da deputação de Pernambuco, que levantou enorme celeuma; as excursões do imperador a Minas (para inauguração de novas estações da E. F. Leopoldina) e a São Paulo; o julgamento de D. Francisca da Silva Castro, responsavel por selvagens sevicias praticadas em duas escravas, de que resultou a morte de uma; o duelo entre Ferreira de Araujo, diretor da "Gazeta de Noticias", e o comendador João José dos Reis Junior, proprietario d' "O País"; o incidente com o dr. Poli, medico italiano que disse horrores do Brasil; o Carnaval, que voltara ao seu antigo esplendor,



Filinto d'Almeida  
("A Semana" — 1886)

na opinião de Filindal; o primeiro discurso de Machado de Assis (por ocasião de um grande banquete que lhe foi oferecido, comemorativo do 22.º aniversario das "Crisalidas"); banquete literario a Luis Guimarães Junior; falecimentos de José Bonifacio, o Moço, conselheiro Martim Francisco, senador Silveira Lobo, visconde do Bom Retiro, dr. Quirino dos Santos, Octaviano Hudson; aparecimento dos "Sonetos e Poemas" de Alberto de Oliveira; representação de "O Bilontra", de Arthur Azevedo e Moreira Sampaio; a discussão em torno de "O Caboclo", peça de Aluisio Azevedo e Emilio Rouède, que se dizia plagada de "O Drama Novo"...

Tudo isso, entretanto, é nada, comparado ao grande, ao excepcional, ao retumbante acontecimento do ano; a excursão de Sarah Bernhardt ao Brasil. Imagine-se uma especie de retorno dos campeões mundiais de futebol em miniatura. O numero de manifestantes seria menor, sem duvida, não porém o entusiasmo. Este chegou ás raías do delirio, com a participação dos estudantes de São Paulo, que viajaram até á Corte especialmente para aplaudir a grande diva; jogavam no palco flores e peças do vestuario, cobriam o pó das ruas com os proprios casacos, para que a artista passasse... Nem sequer faltou um escandalo de bastidores, que deu mais acido encanto

ao noticiario: a agressão da atriz Noirmont a Sarah — e o com petente revide...

Ainda não se estudou devidamente o papel desempenhado pela pequena imprensa da época — periodicos literarios, illustrados, humoristicos, etc — na luta em prol das reivindicações liberais e democraticas do País "A Semana" — como a "Revista Illustrada", de Angelo Agostini — era abolicionista, anticlerical, republicanzante, hostil ao imperador, tratado da maneira mais desrespeitosa e hostil. Neste sentido, Filindal mostrava-se dos mais desvoltos e radicais entre os seus companheiros.

E' nesse brasileiro naturalizado do que eu encontro, pela primeira vez, o termo "carioca", aplicado ao habitante do Municipio Neutro, hoje Distrito Federal futuramente Estado da Guanabara. Os escritores do tempo em geral usavam a designação "fluminense", sem distinguir a Corte do Estado do Rio.

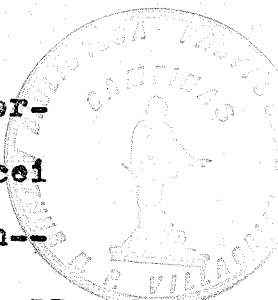
Em setembro, Filinto d'Almeida passou alguns dias em São Paulo e daqui mandou á "Semana" as suas impressões. Querem saber o que mais o entusiasmou na então pequena cidade do planalto? E' melhor ceder-lhe a palavra: "Depois que cheguei á formosa terra dos Andradas, o acontecimento de mais vulto foi a festa da Penha". Numa pagina inteira da revista, aplica-se em descrever minuciosamente todos os episodios dos festejos, que levaram "ao aprazível arrabalde da Penha" mais de 16 mil pessoas, sendo que "só os trens da estrada de ferro conduziram" (...) "cerca de quatorze mil". Os festejos do ano foram: a sra. condessa de Itu, D. Antonia de Queiroz Aranha, Dr. Eleuterio da Silva Prado e sr. Alberto Pereira Leite. Tudo gente fina, "membros da aristocracia e do alto comercio." Mas o que deixou Filinto embasbacado, deslumbrado, aturdido foi o "fogo de artificio, fabricado pelo famoso Daniel de Camargo, de Taubaté, o primeiro pirotecnico do Brasil." Com extraordinario luxo de pormenores, descreve o espetaculo deslumbrante desenrolado nos ceus da Penha, falando em "variadas combinações de jorros e cores", "transformações opticas", "repuxos igneos", "circulos gigantes", "efeitos de luz" e brilharecos que tais.

Termina a longa cronica-reportagem agradecendo a amabilidade do festeiro principal, o já mencionado sr. Alberto Pereira Leite, que, "além de nos dar uma esplendida ceia, ainda nos emprestou o gradil do seu jardim, onde eu e alguns companheiros intrepidos, encarapitados e suspensos como os pais-avós da Humanidade, assistimos ao fogo, á luz electrica e á pancadaria da policia."

No numero seguinte, num "Trecho de Carta", datada de 21 de setembro, Filinto conta que esteve em Campinas, onde assistiu a uma corrida de cavalos no Prado Campineiro e visitou a Matriz nova. Antes da excursão, ainda em São Paulo, visitara o Museu Sertorio, onde viu "algumas coleções superiores ás do Museu Nacional, como, por exemplo, a de numismatica."

Para o leitor paulista, tudo isso tem interesse e encanto. São Paulo de 1886! Queria diria que a festa da Penha já foi tão importante!

## RUA FILINTO DE ALMEIDA



Escritor, poeta, jornalista e dramaturgo nasceu na cidade de Porto, em Portugal, em 1857, mas naturalizado brasileiro, por ter aceitado, em declaração pública a grande naturalização para estrangeiros constante da lei de 15 de Dezembro de 1890. Veiu aos dez anos para o Brasil para seguir a carreira comercial e, ainda caixeiro, começou a escrever para o teatro, fazendo parte de um grupo de rapazes que representavam comédias aos domingos em teatros de Rio. Os seus primeiros versos foram publicados no O Mesquite, jornal de características tendo colaborado no O Domingo, sendo depois redator literário do jornal da Noite e do Combate. Fundou e redigiu A America, revista literária e científica, que durou pouco tempo, passando depois para o Diario de Comercio e O Estado de São Paulo, antiga Província. Fundou com Valentin Magalhães A Semana, que foi durante três ANOS O CENTRO INTELECTUAL DA MOCIDADE Brasileira. Depois vez peças de teatro, traduções, dentre elas o Armario do Diabo. Em 1887 publicou a Lirica onde vêm os versos que a critica melhor recebeu, além de outros livros, tendo em colaboração com sua esposa d. Julia Lopes de Almeida escrito em 1896 A Casa Verde foi redator dos debates que se ouviram na Câmara paulista e em 1892 foi Deputado no Congresso do Estado de São Paulo, na legislatura republicana, depois da Constituinte. Foi durante muitos anos sócio da Academia Brasileira de Letras, da qual foi membro - diretor. Sua biografia vem publicada na Enciclopedia e Dicionario Universal, ainda que incompleta. Em Campinas, onde residiu e conheceu sua futura esposa a também escritora Julia Lopes de Almeida frequentou constantemente a residencia de Valentin Jose de Silveira Lopes, residente que foi durante algum tempo o centro literario da cidade campineira, onde se faziam ouvir os liricos poetas da epoca, tendo sido, igualmente, colaborador como sua mulher, na Gazeta de Campinas. A data certa do nascimento de Filinto é a de 4 de novembro de 1857, tendo falecido no Rio de Janeiro no ano de 1945, em dia e mês que nenhuma de suas biografias determina com precisão.